

CONCEPÇÕES SOBRE A VELHICE E ATITUDES DE CRIANÇAS: UM ESTUDO DAS PERCEPÇÕES DE CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS PÚBLICAS DO RECIFE

Everton Willian de Oliveira Cavalcanti¹
Cirlene Francisca Sales da Silva²
Pedro Vinícius Lins Oliveira Lima³
Nayana Pinheiro Tavares⁴

RESUMO

Esse texto é um recorte do trabalho monográfico intitulado “O lugar da velhice na escola: atitudes de crianças em relação à velhice”, que teve por objetivo geral analisar as atitudes de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental em relação à velhice. A coleta de dados se deu a partir da aplicação de questionário e da Escala Todaro e a análise dos resultados a partir da técnica de análise de conteúdo. No que concerne a esse recorte, de título “Concepções sobre a velhice e atitudes de crianças: um estudo das percepções de crianças do ensino fundamental de escolas públicas do Recife”, tivemos por objetivo identificar concepções e representações da velhice ao longo da história e na sociedade atual e a relação das mesmas com as atitudes de crianças do ensino fundamental”. A literatura aponta que as concepções relacionadas à velhice diferem em dadas épocas e regiões, contudo, a partir dos resultados obtidos, foi possível perceber uma predominância da associação da velhice a aspectos negativos, muito embora, no geral, as crianças que participaram da pesquisa tenham apresentado atitudes mais positivas no que se refere aos rótulos sociais utilizados para designar os idosos. Assim, apesar de encontrar essa divergência, foi possível concluir que a atuação pedagógica sobre tal temática na educação básica promoverá ainda mais melhorias das concepções sobre a velhice nas escolas e na sociedade como um todo.

Palavras-chave: Concepções sobre a velhice, Educação Básica, Educação Física, Persona.

INTRODUÇÃO

Com base nos dados do IBGE (2016) é possível observar uma modificação no quantitativo de idosos presentes na população, e projeções para os anos seguintes, que demonstram aumento não apenas no número, mas na expectativa de vida desse segmento etário.

¹ Graduado pelo Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, ewocavalcanti@gmail.com;

² Doutora pelo Curso de Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, cirlene.psicologa@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Bacharelado em Fisioterapia do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, plins0404@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: Doutora em Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, nayana.pinheiro@ufrpe.br.

Esses dados apresentam um cenário em que fica evidenciada uma expressiva alteração da população de idosos no Brasil que dos anos 1950 até 2000 não passava de 10% (dez por cento) e, a partir do início do novo milênio, esse número não apenas foi alterado como foi se descolando das médias relativas ao bloco do qual está inserido (regiões menos desenvolvidas) e se aproximando dos dados das regiões mais desenvolvidas e, pelas projeções, ultrapassando este bloco por volta do ano 2060 (dois mil e sessenta) (IBGE, 2016). Assim, dialogar sobre o envelhecimento, a velhice e o idoso não se torna apenas uma escolha científica, mas sim um comprometimento com as demandas reais da sociedade que envelhece mais e mais a cada dia.

Diante desse panorama, parece ser imprescindível um resgate teórico sobre os principais conceitos, concepções e representações que foram historicamente se construindo e culminaram no que se conhece e utiliza hoje em dia como nomenclatura, conceitos, percepções e concepções. Assim, essa pesquisa se propôs a identificar concepções e representações da velhice ao longo da história e na sociedade atual e a relação dos mesmos com as atitudes de crianças do ensino fundamental de escolas públicas do Recife⁵.

METODOLOGIA

O trabalho monográfico “O lugar da velhice na escola: atitudes de crianças em relação à velhice”, de abordagem qualitativa, e classificação exploratória descritiva, possibilitou a realização de diversas análises delimitadas sobre problemáticas que insurgiram no decorrer da sua construção. Sendo assim, esse recorte partilhou das mesmas estratégias metodológicas do trabalho principal, tendo em vista que o objetivo não se resumiu a questões numéricas, e sim a um conjunto de sentidos e significados por trás dos dados coletados. Para tanto, essa pesquisa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2001, p. 22).

Ainda sobre a classificação, vemos, de acordo com Gil (2002) que as pesquisas exploratórias têm como ponto de partida as indagações sobre um tema ao qual ainda não se tem tamanha aproximação. Da mesma forma, vê-se que as pesquisas descritivas buscam analisar características específicas de um determinado grupo, e por estar em consonância com esse pensamento, essa pesquisa se classifica, como uma pesquisa exploratório descritiva.

⁵ Os dados analisados são oriundos da pesquisa de Cavalcanti (2018).

No que diz respeito ao campo de pesquisa, a escolha das escolas deveriam atender a três critérios: 1- escolas geridas pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco; 2- a escola deveria estar situada no município do Recife; 3- não possuir verba oriunda de nenhuma fonte, exceto a renda oriunda do financiamento escolar público. Já no que se refere aos sujeitos, foram estabelecidos dois critérios: 1- as crianças que estivessem matriculadas no turno da manhã nas referidas escolas; 2- crianças que soubessem ler, tendo em vista que o instrumento de coleta exigia esse domínio.

A coleta de dados se deu através da aplicação de um questionário composto por duas partes, a primeira parte corresponde a questões que versam sobre a identificação do participante (mantendo o anonimato do mesmo), a escolaridade e a convivência diária com idosos. A segunda parte foi composta por uma escala⁶.

A escala selecionada para fazer parte do questionário foi a Escala Todaro. A mesma, uma escala diferencial semântica⁷, consiste em uma adaptação construída a partir da Escala Neri⁸ a qual avalia a atitude de crianças em relação à velhice. Essa escala possui um total de quatorze pares de adjetivos antagônicos dispostos em quatro categorias (cognição, agência, relacionamento social e persona) e disposta em três níveis de intensidade. A seleção de um dos adjetivos de cada par deve ser relacionada a afirmação: Os Idosos são.

Além dos dados encontrados na aplicação do questionário, foi possível utilizar materiais provenientes da fase exploratória do trabalho monográfico aqui anteriormente referido. Nessa fase foi realizada uma busca em revistas com distribuição digital na área da Educação Física, Educação e Gerontologia (Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Revista Movimento; Revista Motrivivência; Revista Brasileira de Educação; Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia). Foram utilizados os descritores: atitude; criança; idoso e velhice. Os descritores foram inseridos nas buscas em conjunto de três ou dois, a fim de ampliar as possibilidades de trabalhos encontrados.

⁶ Escalas são instrumentos de avaliação psicológica em que o respondente atribui pesos ou graus de intensidade a elementos que lhe são oferecidos para julgar, os quais lhe são apresentados sob a forma de uma sequência de itens escolhidos com base em uma teoria e em pesquisa empírica (TODARO, 2017, p. 141)

⁷ Uma escala diferencial semântica busca medir a reação das pessoas expostas a palavras e conceitos por meio de escalas bipolares, definida com adjetivos antônimos em seus extremos. (ANDRADE et al., 2009)

⁸ Escala diferencial semântica brasileira mais utilizada para avaliar a atitude de pessoal em relação à velhice, composta por trinta pares de adjetivos antagônicos, com cinco níveis de intensidade (em sua versão reformulada).

Utilizando os mesmos descritores⁹ foi realizada uma busca em outras três revistas (Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento; The Gerontologist; Educational Gerontology). Em uma primeira busca foram encontrados cento e oitenta e oito (188) artigos na revista The Gerontologist e quinhentos e sessenta e quatro (564) na revista Educational Gerontology e nenhum artigo associado a esses descritores na Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento. Porém ao inserir o filtro que selecionava apenas os trabalhos com acesso livre, esse resultado caiu para cinco (5) trabalhos na The Gerontologist, contudo, os mesmos não traziam uma aproximação direta com a temática dessa pesquisa, pois tratavam de questões mais ligadas a saúde dos idosos e perspectivas geriátricas.

Dessa forma foi realizada uma busca mais geral em duas bases de dados (SciELO; BIREME). Ao utilizar os descritores na busca, não foi encontrado nenhum trabalho na SciELO, entretanto, na BIREME foram encontrados três (3) artigos que tinham uma aproximação direta com a temática aqui proposta. O primeiro e o segundo trabalho tratam sobre a avaliação das atitudes de crianças que convivem com idosos em relação à velhice^{10 11} e o terceiro traz uma discussão sobre as alterações cognitivas de idosos em contexto familiar e a atitude das crianças que conviviam com eles¹². Contudo, todos os artigos encontrados são de revistas de enfermagem e oriundos de trabalhos de pós-graduação de uma das autoras.

A análise dos dados se deu a partir da análise de conteúdo, tomando por referência Bardin (2010), que afirma que a análise de conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadoras (quantitativas ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 44).

No que se refere a metodologia desse recorte específico, partimos dos achados decorrentes da fase exploratória sobre a temática velhice, principalmente os que se relacionavam às atitudes das crianças em relação à velhice, buscando associar os dados

⁹ Realizando apenas a tradução para o inglês nas buscas em revistas internacionais e estipulando um marco temporal de dez anos entre a data da busca e a publicação.

¹⁰ LUCHESE, B. M.; DUPAS, G.; PAVARINI, S. C. I. **Avaliação da atitude de crianças que convivem com idosos em relação à velhice.** Rev. Gaúcha Enferm. Vol 33, Nº 4, p. 33-40, 2012;

¹¹ OLIVEIRA, N. A.; LUCHESE, B. M.; INOUE, K.; BARHAM, E. J.; PAVARINI, S. C. I. **Avaliação da atitude das crianças que convivem com idosos em relação à velhice.** Acta Paul. Enferm. Vol 28, Nº 1, p. 87-94, 2015;

¹² LUCHESE, B. M.; PAVARINI, S. C. I.; VIANA, A. L. **Alterações cognitivas de idosos em contexto domiciliar e atitudes de crianças em relação à velhice.** Rev. Esc. Enferm. Vol 46, Nº 2, p. 335-342, 2012;

encontrados com o referencial teórico que debatia as concepções sobre a velhice, como Beauvoir (1970), Blessmann (2003), Lima e Viegas (1988) entre outros. Aqui, deu-se uma ênfase a categoria Persona, que faz parte da Escala Todaro. A razão para essa ênfase se deu se deu pelo fato da mesma estar interligada aos rótulos sociais que são atribuídos aos idosos na sociedade.

CONCEPÇÕES SOBRE A VELHICE AO LONGO DA HISTÓRIA E NOS DIAS ATUAIS

A velhice enquanto categoria social parece não existir desde os primórdios da história. Alguns autores (BEAUVOIR, 1970; LIMA e VIEGAS, 1988; SILVA, 2008) afirmam que a velhice como se conhece hoje não surgiu de forma natural, atribuindo a mesma como fruto de uma construção social, atrelada a características de cada período histórico e das diversas culturas. Contudo um questionamento ainda se faz extremamente necessário para compreender mais sobre a temática aqui proposta: como a velhice e o idoso eram vistos no decorrer da história e como são vistos hoje nos dias atuais?

Esta pergunta se depara com a dificuldade de encontrar relatos científicos concretos que datem de períodos longínquos. Isso também foi percebido por Beauvoir (1970) quando a mesma buscou traçar um perfil da velhice nas sociedades históricas¹³. Inicialmente a autora aponta que é “impossível escrever-se uma história da velhice” (BEAUVOIR, 1970, p. 98) e que a “imagem da velhice se altera segundo as épocas e os lugares” (BEAUVOIR, 1970, p. 98).

A imagem associada a velhice em um dado momento da história não é a mesma que em outra fase histórica, bem como a percepção de uma região não necessariamente é igual a outra. Observar a imagem relativa a velhice percebida pelos chineses confere um início favorável a essa análise. Para esses povos, envelhecer se configurava como um prêmio e estava atrelado de virtude (BEAUVOIR, 1970). Da mesma forma vê-se, em diversos relatos judaicos, um alto valor atribuído mais velhos.

Em diversas passagens de trechos de textos considerados sagrados para o povo judaico, é possível ver uma alusão ao privilégio que era atingir a velhice. No livro dos provérbios, é afirmado que “uma vida longa é recompensa das pessoas honestas; os seus

¹³ Para isso a autora utilizou da mitologia, da literatura e da iconografia.

cabelos brancos são uma coroa de glória” (BÍBLIA SAGRADA, 2001, p. 630). Já no livro dos deuterônômios vemos que a obediência às ordenanças de Deus oferece um prêmio que se traduz numa vida longa.

Contudo, essa imagem da velhice sempre benéfica e valorosa, não está presente em todos os textos sagrados. No livro dos salmos vê-se que a vida longa é uma vida fadigada, cheia de cansaço e aflição. “Só vivemos uns setenta anos, e os mais fortes chegam aos oitenta, mas esses anos só trazem canseira e aflições. A vida passa logo, e nós desaparecemos” (BÍBLIA SAGRADA, 2001, 585).

Os povos da Antiguidade apresentam uma relação complexa com a velhice. Vemos através da mitologia, a criação de um mundo que deriva do embate entre gerações¹⁴. Em Platão e Aristóteles verifica-se uma disparidade de visões sobre a velhice. De acordo com Beauvoir (1970), Platão acreditava que o dever de governar era daqueles que tivessem uma educação que se iniciava na adolescência e atingia o auge aos cinquenta anos do indivíduo, assim, os mais velhos eram os mais aptos a guiar e governar.

O envelhecimento do corpo em nada afetava as competências intelectuais, pois, para Platão, o corpo não passa de aparência. Já Aristóteles teve percepções completamente distintas de Platão, de forma que para ele a velhice só pode ser agradável se o corpo se mantiver intacto, como pode ser visto escrito em sua *Retórica*: “Bela velhice é aquela que tem a lentidão da idade, livre de enfermidades. Depende ao mesmo tempo das eventuais vantagens corporais e do acaso” (BEAUVOIR, 1970, p. 123).

Em Roma é vista a figura do *pater familias*, uma posição social que garante uma situação privilegiada ao idoso. Os poderes atribuídos a essa figura são quase ilimitados (BEAUVOIR, 1970). Nas peças vê-se que os jovens suportam o poder dos idosos com pesar, sendo atribuída nas tragédias, por exemplo, papéis positivos e negativos aos idosos, dependendo de características individuais da personagem – ser um sábio conselheiro ou um velho tolo e rabugento. Caecilius, autor de comédias, teceu diversas críticas contra a velhice. “O que me parece mais lamentável na velhice é sentir que, nesta idade, as pessoas se tornam odiosas aos olhos dos jovens” (BEAUVOIR, 1970, p. 134).

¹⁴ Batalha entre uma entidade mais antiga com uma entidade mais jovem, onde sai vitoriosa a juventude, apontando, assim, uma superioridade da juventude sobre a velhice.

O término do mundo antigo é marcado, em geral, pela invasão dos bárbaros e a ascensão do cristianismo. Nas mitologias bárbaras vê-se, assim como nas mitologias aqui já faladas, uma batalha entre gerações, triunfando a juventude sobre a velhice. O Baixo-Império e a Alta Idade Média, por sua vez, são marcados pela forma como os idosos tangenciavam a vida pública, pois essa era comandada pelos jovens. No seio familiar os idosos possuíam respeito e a obediência por parte dos filhos e netos. Blessmann (2003) apresenta que ao fim da Idade Média os idosos podiam se tornar poderosos devido ao acúmulo de bens. A autora afirma ainda que a identificação da velhice não estava diretamente ligada a aspectos cronológicos,

observa-se que, os antigos não tinham como referência a idade cronológica para estabelecer a condição de velhice, o tempo de velhice poderia ser a partir dos 45 anos, considerando que, com esta idade, a pessoa já detinha saber ou propriedade, o que lhe assegurava um papel na sociedade, a longevidade era rara, poucos viviam muito mais do que isso (BLESSMANN, 2003, p. 72).

Essa relação da velhice com a sabedoria fica também evidente, como verificado por Blessmann (2003), na descrição das idades, realizada por Airès (1981).

Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar. Em seguida, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, as bodas ou a caçada no mês de maio dos calendários. Em seguida, as idades da guerra e da cavalaria: um homem armado. Finalmente, as idades sedentárias, dos homens da lei, da ciência ou do estudo: o velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante de sua escrivãzinha, perto da lareira (AIRÈS, 1981, p. 39).

O avançar da história apresentou diversas transformações na ordem econômica, bem como, social, sendo a velhice alvo, também, dessas transformações. Blessmann (2003) e Beauvoir (1970) apontam que as melhores condições de higiene geraram um aumento das expectativas de vida, o que ocasionou um aumento do número de idosos na sociedade. Assim, não era mais “possível” ignorar a existência de tais indivíduos. Entretanto, as modificações nas formas de trabalho geram uma negatização ainda maior da imagem da velhice, e dessa forma ela foi sendo vista cada vez mais por aspectos relacionados a improdutividade, inutilidade e descarte.

Blessmann (2004) verifica ainda, que na sociedade moderna existe um predomínio da “racionalidade e o trabalho produtivo e criativo próprio para os mais jovens, então a velhice passa a ser reconhecida pela decadência física e ausência de papéis sociais” (p. 23).

Como afirmado anteriormente, na sociedade atual, vê-se ainda uma associação da velhice a aspectos negativos, como o desuso e o cansaço. Porém, o avanço de estudos específicos, bem como o surgimento da geriatria e gerontologia possibilitaram uma reconstrução da figura da velhice, atribuindo a essa fase da vida uma característica de possibilidades e não apenas de finitude. “Do movimento de revisão dos estereótipos associados ao envelhecimento, que verifica-se na sociedade contemporânea, resulta uma nova imagem de idoso” (BLESSMANN, 2004, p. 24).

Em um estudo realizado com crianças em idade pré-escolar, no município de Tajapera, Mazutti e Scortegagna (2006), verificaram que apesar dos avanços obtidos ainda há uma aproximação da velhice a aspectos negativos, “a percepção da velhice é associada com doenças, fraqueza, fragilidade...” (MAZUTTI e SCORTEGAGNA, 2006, p. 108) e ainda atrelado a isso “vêm a negação e o medo das crianças dessa etapa da vida” (MAZUTTI e SCORTEGAGNA, 2006, p. 108).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos na aplicação da Escala Todaro, no que se refere a categoria Persona¹⁵, demonstra que as crianças possuem um atitude positiva em relação à velhice, o que pode ser verificado na pontuação média para cada par de adjetivos que a compõem (tabela 1). Porém analisar essa categoria precisa ir além dos dados objetivos.

Item	Média	Desvio padrão	Categoria
Legais/Chatos	1,38	0,62	Persona
Bonzinhos/Bravos	1,41	0,67	Persona
Mãos-abertas/Pães-duros	1,46	0,69	Persona

Tabela 1. Médias e desvios padrões referentes a cada par de adjetivos da categoria Persona da Escala Todaro.

Em um estudo onde foram analisadas as representações sociais de velhice, envelhecimento e idoso veiculada por livros infanto-juvenis, Ferreira Et al. (2015) verificou que o significado de velhice estava geralmente associado à doenças e dependência. Os livros

¹⁵ A categoria persona e os adjetivos que a constituem na escala dizem respeito exatamente a avaliar as atitudes relacionadas a esses rótulos sociais utilizados para a designação dos idosos (LUCHESE, 2011; NERI, 1991).

analisados nessa pesquisa foram aqueles que fazem parte do Programa Nacional Biblioteca da Escola, sendo assim, aqueles que são distribuídos nas escolas públicas por intermédio do MEC.

A apresentação da pesquisa de Ferreira Et al. (2015) possibilita exemplificar como os estereótipos relacionados a velhice ainda são negativos e pejorativos. Ainda em relação aos estereótipos vale citar aqui a pesquisa realizada por Santana e Belchior (2013) ao analisar os papéis atribuídos a idosos na produção cinematográfica. A pesquisa em questão demonstra como os papéis relacionados as questões parentais, cabendo a esse papel algumas funções, como “cuidar, manter financeiramente a família, dedicar carinho e amor aos filhos” (p. 106).

Assim, é possível analisar os resultados obtidos em relação a categoria persona através de um olhar mais amplo que vai além das respostas obtidas. Como, por exemplo a preponderância da associação do idoso ao adjetivo mão-aberta, atribuindo assim uma relação do idoso com o papel daquele que dá dinheiro ou que gasta dinheiro sem avareza, que tem uma relação com o estereótipo do idoso paternal, que tem função de cuidar e prover.

As pontuações obtidas nessa categoria, de maneira geral, atingiram uma média próxima as duas pesquisas aqui estudadas que realizaram a mesma escala (TODARO, 2008; LUCHESI, 2011), também verificando que as crianças que moravam com idosos tinham atitudes mais positivas em relação as que não moravam (diferença de 0,11 pontos). Luchesi (2011) ainda percebeu que o tempo que as crianças moravam com os idosos causava atitudes mais positivas, notando que morar a mais de três anos pode ser um fator que melhore a atitude nessa categoria.

De acordo com Pinquart, Wenzzel e Sörensen (2000), não é claro na literatura a influência da convivência com idosos na mudança das atitudes de crianças em relação à velhice, contudo, eles, em sua pesquisa, verificaram que a relação intergeracional leva a ganhos para ambos os grupos, sendo possível eliminar estereótipos através dessas relações. Todavia, apesar de não ser clara a relação da convivência com a construção das atitudes das crianças é possível verificar que a atitude que a criança tem em relação a um idoso que com ela convive tende a ser replicada a outros, pois a “experiência pessoal com um idoso parece generalizar para outros adultos idosos” (McGuinn e Ashley, 2002, p. 572. *Tradução do autor*), o que reflete a importância dessa relação ser positiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ser percebida a existência de diversos estereótipos negativos ainda presentes na sociedade, as atitudes que se referem aos mesmos parecem ser mais positivas que os relacionados a outras categorias da Escala Todaro, contudo isso não significa que as concepções sobre a velhice estejam todas positivas.

Estudos aqui apontados (FERREIRA *et al*, 2015; SANTANA E BELCHIOR, 2013) sinalizam para a presença de estereótipos associados a velhice, bem como é possível perceber em uma pesquisa¹⁶ realizada pela Fundação Perseu Abramo, em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC) São Paulo e o SESC Nacional onde pode ser encontrado inúmeros achados sobre é ser idoso no Brasil, discorrendo e debatendo sobre as vivências, desafios e expectativas na terceira idade. Em uma etapa dessa pesquisa aponta-se a maneira como os jovens veem o idoso. O que foi encontrado é uma realidade repleta de preconceitos e associação da velhice a aspectos negativos (NERI, 2007).

A partir de tudo o que fo aqui identificado, analisado e discutido, é possível perceber a urgência em se debater cada vez mais sobre a temática velhice dentro das escolas, para, assim, contribuir com a superação de aspectos negativos que ainda são, constantemente, ligados à velhice. É necessário um comprometimento dos atores da educação com a dignidade e respeito ao público idoso, através de suas atuações pedagógicas balizadas no conhecimento sobre essa temática e na busca por transformação desse cenário que ainda é repleto de preconceitos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. L. D. et al . Construção de escalas de diferencial semântico: medida de avaliação de sons no interior de aeronaves. **Aval. psicol.**, Porto Alegre , v. 8, n. 2, p. 197-208, ago. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 abril 2018..

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4^a ed. Lisboa: Edições 70, 2010. 281 p.

BEAUVOIR, S. **A velhice: a realidade incômoda**. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. São

¹⁶ Pesquisa de título: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade., realizada em 2006, em 204 municípios (pequenos, médios e grandes) distribuídos nas cinco macrorregiões do Brasil.

Paulo: Pensamento, 1970.

BÍBLIA SAGRADA. Nova tradução na linguagem de hoje. Edição em letra grande. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2001. 1472 p.

BLESSMANN, E. J. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estud. Interdiscip. Envelhec.** Porto Alegre, v. 6, p. 21-39. 2004.

_____. **Corporeidade e envelhecimento:** o significado do corpo na velhice. 2003, 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CAVALCANTI, E. W. de O. **O lugar da velhice na escola: atitudes de crianças em relação à velhice.** 2018, 89 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

FERREIRA, C. P. S; ET AL. A visão do envelhecimento, da velhice e do idoso veiculada por livros infanto-juvenis. **Saúde soc.** São Paulo, v. 24, Nº 3, p. 1061-1075, 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902015000301061&lng=en&nrm=iso>.

Acesso

em:

08 June 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902015133362>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira. Coordenação de População e Indicadores sociais. 146 f. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

LUCHESE, B. M. **Crianças que convivem com idosos:** atitudes em relação à velhice e percepção sobre a demência. 2011, 192 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

MAZUTTI, C; SCORTEGAGNA, H. de M. Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara – RS. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano.** Passo Fundo, v. 3, Nº 2, p. 101-112, 2006.

MCGUINN, K. K; ASHLEY, P. M. M. Children's fears about personal aging. **Educational Gerontology.** San Francisco, v. 28, Nº 7, p. 561-575, 2002. DOI: 10.1080/03601270290099769

MINAYO, M. C. S.; (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NERI, A. L. **Idosos no Brasil:** vivências, desafios e expectativas na terceira idade. 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

_____. **Envelhecer num país de jovens.** Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas: Editora UNICAMP, 1991.

PINQUART, M. WENZEEL, S. SÖRENSEN, S. Changes in attitudes among children and elderly adults in intergenerational group work. **Educational Gerontology.** Calgary, v 26, Nº 6, p. 523-540, 2000. DOI: 10.1080/03601270050133883

SANTANA, C. S; BELCHIOR, C. G. A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. **Revista Kairós : Gerontologia,** São Paulo, v. 16, Nº 1, p. 93-116, 2013. ISSN 2176-901X. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20343/15100>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos,** Rio de Janeiro, v. 15, Nº 1, p. 155-168, 2008.

TODARO, M. de A. Construção da Escala Todaro: atitudes de crianças em relação a idosos. **Horizontes,** V. 35, Nº. 1, p. 141-150, jan./abr. 2017.

TODARO, M. de A. **Desenvolvimento e avaliação de um programa de leitura visando à mudança de atitudes de crianças em relação a idosos.** 2008, 166 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.